

LITERATURA EM PAUTA: AS PÁGINAS DE JORNAL DE ANTONIO CALLADO

LITERATURE AT STAKE: ANTONIO CALLADO'S NEWSPAPER PAGES

GISELLE LARIZZATTI AGAZZI*

JOANA RODRIGUES**

RESUMO: A escrita de Antonio Callado repórter dialoga com o que ficou conhecido como jornalismo literário, gênero híbrido que desafia as expectativas do leitor de literatura e do leitor de reportagens. Com ampla atuação como jornalista, vindo a cobrir importantes eventos da história mundial, o intelectual carioca contribui de modo decisivo para a constituição do gênero no Brasil. Nas reportagens publicadas entre 1960 e 1970, o escritor encontra um estilo próprio, ao aprofundar o potencial simbólico da linguagem, compondo complexos panoramas em que a análise e a opinião crítica se combinam com um trabalho meticuloso de arquitetura das palavras.

PALAVRAS-CHAVE: Antonio Callado, jornalismo literário, leitor.

ABSTRACT: Antonio Callado's writing as a reporter engages with the so-called Literary Journalism, a hybrid genre that challenges the expectations of both literature and report reader. With a wide career as journalist, covering huge global events of history, the intellectual is crucial for contributing with this kind of genre in Brazil. In stories and articles published from 1960 to 1970, the writer finds his own form, getting deeper into the symbolic potential of the language, resulting in a complex overview in which the analysis and the critical opinion are combined with a meticulous work of word architecture.

KEYWORDS: Antonio Callado, literary journalism, reader.

* Professora de Graduação em Letras e Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura em Língua Portuguesa na Universidade Metropolitana de Santos.

** Professora de Letras na Universidade Federal de São Paulo e jornalista.

Formado em Direito, Antonio Callado (1917-1997) foi um jornalista singular. Tendo publicado peças de teatro, crônicas, contos e diversos romances que impactaram a história da literatura (em especial, a brasileira, com textos como *Quarup* e *Sempreviva*), o escritor carioca tem uma trajetória intelectual de ampla envergadura. Se seus textos literários são frequentemente lidos segundo as relações entre literatura e história, seus textos jornalísticos encontram lugar no que se aprende ser literário. Com um lugar temerário no que diz respeito à teoria (seja do jornalismo ou da crítica literária), o fato é que o leitor de Callado jornalista – das crônicas às reportagens – ocupa, quase sempre, o lugar de um leitor literário, ainda que tal condição seja, em si, uma provocação, quando se pensa nas expectativas do leitor de reportagens e nas de, por exemplo, contos ou romances. Alfredo Bosi, ao abordar a complexa questão da interpretação da obra literária, começa suas reflexões afirmando a distância entre o “evento” e a “forma que o encerra” (1988, p. 275):

Se os sinais gráficos que desenhavam a superfície do texto literário fossem transparentes, se o olho que neles batesse visse de chofre o sentido ali presente, então não haveria forma simbólica, nem se faria necessário esse trabalho tenaz que se chama *interpretação*.

Acontece, porém, que as palavras não são diáfanas. Ainda quando miméticas ou fortemente expressivas, elas são densas até o limite da opacidade. Esse fenômeno é estrutural. O processo em que se gesta a escrita percorre campos de força contraditórios, em parte subtraídos à luz de uma consciência vigilante e sempre dona de si própria. (ibid., p. 274).

Um leitor de texto jornalístico pode, diferentemente de tal observação, considerar que o evento deveria impor-se à forma, e buscar no texto um lugar mais seguro e de menos incertezas. Afinal, o jornalismo não deveria “querer dizer” (ibid., p. 275), mas apenas “dizer”.

Mas essa aproximação, contaminação e recriação dos gêneros, do literário e do jornalístico não são recentes.

Leitor de um dos precursores do jornalismo literário brasileiro, Callado dialoga com a tradição fundada por Euclides da Cunha (1866-1909), que atendeu ao convite do jornal *O Estado de S. Paulo*, para cobrir a insurreição liderada por Antonio Conselheiro contra o exército. Nos anos de 1897 e 1898, o engenheiro

carioca, já desligado de seu posto militar, reuniu material para compor ***Os ser-tões***, publicado em 1902, obra que se constitui, como afirma Pereira Lima (2004, p. 214), em uma somatória “de inteligência aguçada, erudição e capacidade de coleta de campos”, diferenciando-se dos textos dos outros jornalistas igualmente escalados para a cobertura do conflito, correspondentes de periódicos como o *Jornal do Brasil* e *O País*.

Outros jornalistas, que antecederam Callado, ampliaram e aprofundaram o gênero que se constituía no Brasil. É o caso de outro carioca, João Paulo Alberto Coelho, que adotou os pseudônimos de Paulo Barreto e de João do Rio. Ele se tornou popular entre os leitores do Rio de Janeiro e de algumas outras cidades aonde chegava a *Gazeta de Notícias* nos anos 1920. Marcadas pela hibridez dos traços literários e jornalísticos, as reportagens de João do Rio articulavam as informações sobre os fatos noticiados com as entrevistas coletadas, em um texto cujas marcas eram reconhecidas pelas cuidadosas descrições das pessoas envolvidas nos eventos, o que, segundo a professora e pesquisadora Cremilda Medina, da Escola de Comunicações da USP, inaugura a reportagem de contexto, modalidade jornalística em que “os tipos sociais observados representam a tendência de humanização tão explorada pela reportagem atual” (1978, p. 59).

É no conjunto de crônicas-reportagens posteriormente reunidas em obras como *A Alma encantadora das ruas* (1908), *Vida vertiginosa* (1911), *Cinematógrafo* (1909), que se reconhece essa inovação do fazer jornalístico de João do Rio, motivo para assegurar-lhe a responsabilidade de introduzir a reportagem nos jornais brasileiros, como afirma Eduardo Belo (2006, p. 31).

A reportagem, ao dar mais atenção aos atores sociais (tradicionalmente, tratados de modo mais superficial e sucinto) que protagonizam ou antagonizam os fatos, afasta-se dos modelos clássicos desse gênero e anuncia novos modos de fazer jornalismo. Tal movimento dos textos de Euclides da Cunha e de João do Rio faz ecoar o que já acontecia na imprensa internacional, em particular na norte-americana, como aponta Belo (*ibid.*, p. 22):

A grande reportagem, ainda com algum molho ficcional, floresceu, sobretudo nos Estados Unidos. Na primeira metade do século 20, jornais e revistas destinavam áreas extensas de suas edições para contar o que lhes pareciam ser boas histórias. Uma parcela considerável delas foi parar nas páginas dos livros.

A iniciativa de praticar um jornalismo diferente do convencional foi, no Brasil, espontânea e individual até a década de 1920, porque, segundo Pereira Lima (2004), não havia ainda uma “escola do jornalismo literário” ou uma corrente com esse nome.

Na década de 1940, as inovações no que ficou conhecido como jornalismo literário prosseguem, dessa vez impulsionadas pela Segunda Guerra Mundial, ocasião em que os repórteres Rubem Braga, correspondente do *Diário Carioca*, e Joel Silveira, representante dos *Diários Associados*, foram enviados para os *fronts*, convivendo com o contingente que integrava a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Antonio Callado também vê a guerra do centro do seu conflito, indo trabalhar na BBC de Londres, onde morou por um longo período. Dessa experiência de Callado, há uma série de programas para a rádio da BBC, além de reportagens e do seu último romance, *Memórias de Aldenham House*, publicado em 1989. O convívio que o jornalista brasileiro teve na Inglaterra com outros intelectuais o levou não somente a outras experiências literárias e não literárias, mas também a rever o próprio país dentro de um contexto mais amplo, o da inserção da nação na América Latina. Callado desfruta, a partir desse período, prestígio como repórter, ganhando a cobertura de importantes eventos mundiais e desenvolvendo um estilo próprio de fazer jornalismo.

Os relatos de Callado sobre a Guerra e eventos como o *Bogotazo* (uma das mais violentas rebeliões populares da América Latina, quando o líder liberal Jorge Eliecer Gaitán terminou assassinado em plena Conferência) definiam uma maneira própria de fazer jornalismo, pois traziam marcas evidentes de elementos literários como o uso de narrativa e o aprofundamento de determinados fatos.

A crescente censura no país e a necessidade de reinventar maneiras de abordar a realidade e o outro lado da história – a não oficial, silenciada pela grande imprensa – se tornaram, para Callado, motivo de vergonha, por não poder se confrontar abertamente contra o governo ditatorial em um momento político de tortura, opressão e violência, mas também de desenvolvimento dos seus textos jornalísticos. Em meio à tensão política, a ditadura impulsionava novas maneiras de fazer jornalismo. É o caso da revista *O Cruzeiro*, criada em 1928, que tinha “a vocação para contar histórias e a ampla elasticidade nos conceitos de ética e exatidão”, as quais lhe permitiam levar ao público “relatos vividos, muitas vezes fantásticos”, de acordo com Belo (2006, p. 28).

Nos anos 1940, a revista passa a investir na reportagem, mas mantendo a sua tendência de abrigar histórias com o foco nas pessoas e nas relações sociais. No mesmo período, a publicação da revista *Realidade* (Editora Abril) funda um importante marco da imprensa brasileira do século XX, e estabelece um espaço de prestígio para o que virá a se definir como o jornalismo literário. Motivos para tanto se originaram na inovação da linguagem e na maneira personalizada de o jornalista abordar a pauta, usufruindo de liberdade para tratar das matérias com estilo próprio: “Cada repórter podia abordar sua reportagem pelo ângulo que escolhesse” (BELO, 2006, p. 24). Nesse fazer jornalístico, a linguagem, que desviava da objetividade, da rapidez e de elementos principais na redação da notícia, sobrepunha-se ao fato. O jornalismo participativo, conhecido pelo fato de o repórter ir a campo e vivenciar os acontecimentos, garantia o espaço para as grandes reportagens de cunho autoral, já consagradas pelos precursores do chamado novo jornalismo, que trouxe para os leitores nomes como John Reed (ibid., p. 24).-

Dessa forma Callado coloca nas páginas dos jornais o livro-reportagem, essa publicação que atua como um “extensor do jornalismo impresso cotidiano”, segundo Pereira Lima (PEREIRA LIMA, Estação de Embarque, 2004, p. XVII). Por isso mesmo, dedica-se ao aprofundamento dos temas, fator proibitivo para os veículos periódicos, devido às condições próprias do fazer jornalístico, e leiam-se aqui as questões de limitações de tempo e espaço.

Atuando na imprensa desde então, o escritor não abandonará mais o jornalismo, chegando aos últimos dias de vida com a publicação semanal de crônicas ao jornal *Folha de S. Paulo*. Eduardo Portella, no prefácio a *Crônicas de fim de milênio*, observa sobre a relação do cronista com a língua: “Callado conhece as possibilidades de uso, e os perigos de abuso, desse objeto (objeto-sujeito) não de todo identificado, a que podemos denominar de linguagem” (PORTELLA, Prefácio a CALLADO, 1997, p. XIV).

Afirmar que Antonio Callado pratica o jornalismo literário não é algo novo. Daniel Piza, em texto publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, cita a reportagem *Esqueleto na Lagoa Verde. Ensaio sobre a vida e o sumiço do coronel Fawcett* (2010), publicada originalmente em 1953, como modelo do que, segundo ele, deveria ser lido como jornalismo literário. Seguindo ainda Piza, o termo, aqui tratado como gênero textual, foi utilizado com abuso e para qualquer caso em

que a notícia não se limitava aos fatos: “Callado não tem medo de mesclar análise e opinião à descrição e tem um estilo próprio” (PIZA, 2010).

É esse “estilo próprio” que justifica uma reflexão sobre o jornalismo literário de Callado, pois as cinco reportagens publicadas em livro têm o que Bosi (1988) chama de “forma simbólica”, gestada a partir de uma estrutura particular, única, e que exige do leitor a busca pela interpretação da obra que tem em mãos. *Ensaio sobre a vida e o sumiço do coronel Fawcett, Os industriais da seca e os ‘galileus’ de Pernambuco, Passaporte sem carimbo, Tempo de Arraes e Vietnã do Norte*, escritas e publicadas entre as décadas de 1960 e 1970, compõem um território singular na obra de Callado (não é o caso, aqui, de também abordar outros textos jornalísticos de Callado, mas o fato é que eles constituem, como mostra a fortuna crítica sobre o intelectual carioca, fenômenos à parte). Algumas dentre essas reportagens ganham contornos literários ao dialogarem com o que a crítica literária estabelece como próprio da literatura, como sua especificidade:

[...] o que caracteriza o texto dado como literário é justamente sua polissemia, suas lacunas a serem preenchidas pelo leitor, mesmo quando se tenta guiar esse leitor em seu ato de leitura, sentidos se formam que escapam ao controle do mediador da leitura. A leitura é uma das produções sociais onde o imaginário tem espaço de circulação garantido. (WALTY, 1999, p. 52)

As lacunas impressas no silêncio do texto exigem do leitor uma atitude de elaboração criativa, contrariando a objetividade primeira das reportagens, que amplificam a função referencial da linguagem para que os textos se tornem menos polissêmicos. Mas Callado não teme o risco de abandonar o leitor às formas simbólicas que se multiplicam desde os subtítulos das suas reportagens.

Em *Esqueleto da Lagoa Verde* (2010), livro-reportagem sobre a expedição ao Xingu em 1952 da qual o jornalista de *Correio da Manhã* participa, a fim de conferir a ossada do coronel inglês, sumido em 1925, lê-se sob título sugestivo “Aquém do Bem e do Mal”:

Inocência também pega. Logo que a gente chega ao Posto Culuene, da Fundação Brasil Central, o choque demasiado bruto paralisa o raciocínio. A gente só sabe que saiu da cidade de São Paulo, num aparelho monomotor, umas sete horas antes:

como é possível que agora, à beira daquele rio, homens e mulheres estranhos, mongoloides, inteiramente nus, cerquem o avião?

Mas inocência pega. Ao cabo de duas horas não estamos mais empenhados em fingir que não reparamos na nudez dos índios. Passamos, ao contrário, a encará-la com naturalidade. E a vitória foi puramente da inocência deles, da candura, e falta de malícia deles. De toda a nossa indumentária – das botas ao chapéu – os índios e as índias só prezam uma coisa: a camisa, que protege dos mosquitos. Tudo mais que usamos é, portanto, incompreensível para eles. (CALLADO, 2010, p. 13)

O leitor desavisado se desestabiliza ao se deparar com a abertura do texto – “Inocência também pega”, percebendo que, afinal, não se tratará de uma reportagem convencional. Ao seguir adiante, continua a passear em um território inusitado, chegando à abertura do segundo parágrafo “Mas inocência pega”. Da seleção do vocabulário à sintaxe, os silêncios e as lacunas se afirmam, confrontando a subjetividade do leitor com a forma simbólica pela qual a matéria é desenvolvida. Ao se perguntar sobre a intenção de marca tão profunda em relação à “inocência” e por quais motivos ela “pega”, o leitor se vê diante de várias camadas a serem decifradas se quiser penetrar nos sentidos do texto. Mas o texto resiste e, avançando na leitura, o leitor é obrigado a admitir que até mesmo a referência à nudez passa a ser, também ela, simbólica. Nos campos semânticos definidos por “nós” e “eles”, o autor evidencia que dialoga com aqueles que têm intimidade com a língua escrita, com o jornal, com as roupas, opondo-se aos desconhecidos. E, até mesmo nessa decisão de se inserir em um ou outro campo, o leitor precisa mobilizar outros modos de raciocinar se quiser prosseguir no texto que se lhe impõe.

Se os dois primeiros parágrafos anunciam ao leitor que a reportagem não pode ser lida de modo tradicional, senão seguindo parâmetros dados pelas especificidades da literatura, os demais se encadeiam em um jogo que impede uma definição por parte do público no sentido de definir o gênero de um ou outro lado da questão: trata-se de uma reportagem ou de uma ficção? O próprio Callado, ao apresentar o *Esqueleto na Lagoa Verde*, faz referência ao fato de a reportagem ser uma história policial, embora seja um livro-reportagem.

Lima (2004) observa que os livros-reportagens são publicações que ampliam o olhar para o fato e, também, tratam-no com mais profundidade, o que não é feito nas páginas dos jornais, dadas as características próprias ao veículo. A

liberdade com que o jornalista pode tratar o tema é o que garante as marcas do seu estilo, vistas em Callado, nessa e em outras de suas reportagens, não apenas no caso de o escritor expressar sua opinião em relação aos fatos delimitados. Seguindo Daniel Piza (2010), é exatamente esse o fato que faz o jornalismo de Callado ser literário, porque não se limita a ampliar e aprofundar o tema com suas impressões e reflexões sobre ele, mas porque faz isso a partir de uma forma própria. Essa forma é a de amplificar e aprofundar não o fato em si, mas a linguagem que o reveste. Sendo menos veículo para a informação e chamando mais a atenção para si mesma, a linguagem passa a ser tão ou mais importante quanto aquilo que se conta. A possível compreensão do que houve com o coronel Fawcett e seus acompanhantes passa a ser apenas um recurso para o autor expressar a sua visão sobre os índios. Mas não só, visto que, como assinalado, a forma com que Callado escreve a reportagem impacta o leitor.

Esses impactos, a que temos chamado de literários dada a importância da construção simbólica do texto, definem o estilo de Callado, reconhecido nesse livro-reportagem e em alguns outros.

Em *Tempo de Arraes*, publicado originalmente em 1965, a migração entre um registro mais próximo ao jornalístico e outro mais próximo ao literário se dá do começo ao fim e de modo desavisado. A falta de preparação do leitor, que, às vezes, está apenas acompanhando um relato objetivo e se vê diante de uma imagem de potencial simbólico maior, freia o tempo da leitura e requer que haja mais esforço para que se avance na interpretação da linguagem. Em meio à descrição dos eventos do governo em Pernambuco em 1965, o jornalista compõe um panorama do que vê como sendo uma genuína revolução, promovida pelo então governador Miguel Arraes em Pernambuco. Seu entusiasmo vaza o texto e projeta para todo o Brasil o fenômeno pernambucano. Mas o que chama a atenção é a linguagem simbólica, que, como assinalado acima, invade mais esse livro-reportagem de Callado:

É desagradável a gente tomar e oferecer bom uísque com água de coco em alguma perfumada varanda entre coqueiros e ver aquele desfile de mendigos e ouvir dos amigos estrangeiros a chocada pergunta que tanto irrita as elites descansadas, principalmente quando a pergunta é formulada em inglês: “*But why don’t you do something about it?*”. (Por que é que você não dá um jeito nisso?) Já se vai um pouco do gosto do uísque, já não há tanto prazer na gente se sentir numa ilha de

limpeza e conforto, entre crianças saudáveis e empregados satisfeitos. O que salva muita revolução, o que levará a bom porto a revolução nordestina iniciada em Pernambuco, reside talvez naquela observação de Brecht: “Os ricos têm o coração duro, mas têm os nervos delicados”. (CALLADO, 2015, p. 41)

A sinestesia provocada pelas imagens logo no começo da frase provoca estranhamento no leitor: entre o sabor do uísque, a visão da paisagem, a voz das falas estrangeiras, emerge a pergunta em inglês, que desconcerta o personagem. E, em meio a cheiros, paladar, odor, visão, a miséria se impõe, sequestrando o prazer gratuito das elites. Mas o jornalista não permite que o leitor se deixe levar pelas emoções e o resgata, chamando-o à razão com Brecht, que não exige menos do seu público. Coração duro e nervos delicados, quem não os têm?

Se a reportagem garante ao público leitor um lugar seguro e distante de qualquer possibilidade de envolvimento, o jornalismo literário de Callado enreda seus leitores em uma teia sensível e resistente. Não há como escapar das suas malhas sem marcas. E não é essa mesma a função da literatura? Deixar marcas na matéria de que é feito o seu leitor?

Seguindo com essas e outras construções tipicamente literárias, Callado se coloca ao lado de outros jornalistas, cujas reportagens, construídas a partir de uma perspectiva artística, exigem que o leitor faça outro tipo de pacto com o autor, colocando-se em um território de inseguranças. Em *Vietnã do Norte*, escrito por ocasião da viagem de Callado pelo *Jornal do Brasil* para Hanói, o leitor se depara com inúmeros fragmentos que o fazem recompor o pacto com o autor e com o livro que tem em mãos:

Rumo à história profissional

Em relação aos países maduros e fortes de qualquer período histórico, os novos países, os que procuram se afirmar, brincam de História durante muito tempo, século, às vezes. A brincadeira consiste principalmente no seguinte: impacientes de verem seu país tão atrasado, humilhados por pertencerem a uma sociedade dominada por outra, homens de ação e homens de pensamento resolvem mudar as coisas. Para mudá-las de verdade seria preciso instruir as massas, e, ao mesmo tempo, motivá-las, agitá-las, transformá-las em unidades conscientes [...]

Para mudar as coisas é preciso que surjam os homens que são profissionais da História, que abrem mão da vida privada em benefício da vida do povo, que não se iludem dizendo que é preciso primeiro enriquecer para depois agir contra os ricos, ou fazer-se um nome para que esse nome amplie sua voz de revolucionário. Tudo má-fé, autotapeação. (CALLADO, 2005, p. 211-212)

Definindo novas metáforas, é preciso que o leitor preencha as lacunas se quiser deslindar a tessitura do jornalismo literário de Callado. Rumar em direção à “história profissional” pelas mãos do autor pode fazer o público olhar de um modo diferente para a história do seu país, para a sua realidade e o seu papel na construção das relações sociais. Os livros-reportagem de Callado são, a um só tempo, objetivos e simbólicos, criando estratégias que possibilitam aos leitores mais ou menos experientes ascenderem às várias camadas de sentido do texto, desde que suportem os estranhamentos causados pela primeira leitura.

Referências

- BELO, Eduardo. *Livro-reportagem*. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Comunicação).
- BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In *Céu, inferno*. São Paulo: Ática, 1998, p. 274-287.
- CALLADO, Antonio. *Ensaio sobre a vida e o sumiço do coronel Fawcett*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CALLADO, Antonio. *Crônicas de fim de milênio*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.
- CALLADO, Antonio. *Os industriais da seca e os “galileus” de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- CALLADO, Antonio. *Passaporte sem carimbo*. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.
- CALLADO, Antonio. *Antonio Callado, repórter. Tempo de Arraes e Vietnã do Norte*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. In FESTER, Antonio Carlos Ribeiro (Org.). *Direitos humanos e literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, L; BLATMANN, U.; BERNARDES. A leitura na sociedade do conhecimento. *Revista ACB*, v. 11, n. 1 (2006). Disponível em: < >. Acesso em: 8 fev. 2018.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 3. ed. rev. e atual. Barueri: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda. *Notícia um produto à venda*. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. 6 ed. São Paulo: Summus, 1978.

PIZA, Daniel. O jornalismo literário de Antonio Callado. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, Blog, 5 jun. 2010.

WALTY, Ivete Lara Camargo. Literatura e escola: anti-lição. In *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.